
Entrevistado/a: José Carlos Paz

Entrevistador/ales: José Edimar de Souza e Elisângela Dewes

Tema: História das Instituições Escolares; Enchente no Rio Grande do Sul (2024)

Data: 22 de maio de 2025

Local: EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff (São Leopoldo)

OBS.: Para obter a entrevista na íntegra, solicite pelo e-mail: jesouza1@ucs.br.

Trajetória pessoal e vínculo com a comunidade

José Carlos Paz, tem 58 anos, é natural do norte do Rio Grande do Sul, residindo na região entre Novo Hamburgo e São Leopoldo desde 1985. Atua há três anos como secretário na EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff. Viúvo há 11 anos e morando sozinho, mantinha vínculo recente, porém significativo, com a escola quando ocorreu a enchente de 2024.

A vivência como desabrigada e o acolhimento na escola

O entrevistado relata que precisou deixar sua residência no dia 4 de maio de 2024, saindo com a água à altura da cintura e permanecendo afastado de casa por cerca de 50 dias. Inicialmente abrigou-se na casa de um amigo, mas, ao saber que a escola onde trabalhava havia se tornado abrigo, dirigiu-se à instituição e foi acolhido pela equipe diretiva. José Carlos permaneceu abrigado na escola durante quase todo o período de funcionamento do abrigo, vivenciando a experiência de perda material, deslocamento forçado e reconstrução emocional. Ressalta que o impacto emocional mais profundo ocorreu no retorno à residência, quando se deparou com os danos causados pela enchente.

A atuação voluntária

Paralelamente à condição de abrigado, José Carlos atuou de forma contínua como voluntário no abrigo. Colaborou em múltiplas frentes, incluindo a recepção

das famílias, a distribuição de alimentos, a organização da limpeza, a vigilância noturna e a classificação e controle das doações. Atuou na elaboração dos primeiros cadastros dos desabrigados, que posteriormente serviram de base para o acesso ao Auxílio Reconstrução do governo federal. O entrevistado enfatiza que o envolvimento no trabalho voluntário foi fundamental para minimizar o sofrimento emocional decorrente de suas próprias perdas.

A reconfiguração da escola em abrigo

A escola foi reorganizada para funcionar como um espaço de acolhimento, sob a coordenação da equipe diretiva, que passou a residir na instituição durante o período da enchente. As rotinas escolares foram substituídas por uma dinâmica voltada ao atendimento das necessidades básicas dos acolhidos, incluindo alimentação, vestuário, higiene, medicamentos e segurança. José Carlos destaca que os voluntários se colocavam à disposição para qualquer tarefa necessária, evidenciando uma organização baseada na solidariedade e no compromisso.

Vivências familiares no abrigo

Durante o funcionamento do abrigo, um dos filhos de José Carlos e sua nora também passaram a ser acolhidos na escola, após enfrentarem sucessivos deslocamentos devido às cheias. O reencontro no espaço do abrigo é narrado como um momento de alívio e segurança.

Aprendizados e percepção sobre a experiência

Ao refletir sobre sua dupla experiência, como abrigado e como voluntário, José Carlos destaca a gratidão e aprendizados relacionados à solidariedade e ao pertencimento. Ressalta que, apesar das perdas materiais, a essência humana, a força interior e a capacidade de ajudar o outro permaneceram intactas. Para o entrevistado, a atuação voluntária possibilitou oferecer palavras de encorajamento e esperança às pessoas acolhidas, ao mesmo tempo em que fortaleceu seu próprio processo de reconstrução emocional. Finaliza sua narrativa enfatizando que a tragédia evidenciou a importância da vida em sociedade, do senso de pertencimento e da ajuda mútua.